

ANCESTRALIDADE: ELO ENTRE HERANÇAS BIOLÓGICA E CULTURAL

Margareth F. F. M. Diniz
Acadêmica Titular da APMED - Cadeira nº 25

“O tronco que não considera suas raízes não recebe os nutrientes da terra”

O que nos define como ser humano? Os traços que herdamos dos nossos ancestrais, o ambiente em que vivemos ou as escolhas que temos de fazer diariamente? E o que sabemos sobre ancestralidade? Quais histórias crescemos ouvindo sobre nossos antepassados e qual a influência deles na pessoa que somos?

Todos esses questionamentos são amplamente discutidos na literatura científica e, de acordo com o Google Trends, as buscas por temas relacionados a ancestralidade têm sido acessadas de forma significativa.

O conceito de ancestralidade possui vários significados, mas todos passam pela influência familiar para sabermos quem nós somos, e evoca um chamado silencioso às origens. Por isso, é uma herança. A ancestralidade constitui um eixo fundamental da existência humana, conectando dimensões genéticas, históricas, simbólicas e espirituais. Assim, compreender a ancestralidade, sob uma perspectiva integrada, permite resgatar a complexidade do ser humano, unindo corpo, mente e espírito em uma mesma teia de pertencimento.

Na biologia, ela se manifesta como herança genética. Do ponto de vista científico, cada célula humana é portadora de uma história evolutiva. O DNA, como matriz biológica da ancestralidade, guarda marcas que atravessam milênios — vestígios de adaptações, migrações e sobrevivências. A partir da análise de variações do DNA, é possível traçar uma estimativa da ancestralidade, mostrando a origem étnica e geográfica dos nossos antepassados, as regiões ou populações com as quais compartilhamos mais semelhanças genéticas, comparadas com bancos de dados globais de referência.

Somos resultado de um processo contínuo de transmissão da vida, em que a herança genética revela não apenas o passado individual, mas também a memória coletiva da espécie. A epigenética, campo recente da biologia, amplia essa compreensão ao demonstrar que fatores ambientais e experiências vividas podem modificar a expressão dos genes, transmitindo às

gerações seguintes traços adquiridos. Assim, a ancestralidade biológica não se reduz à herança imutável: ela é dinâmica, moldada pelo diálogo entre natureza e ambiente, passado e presente.

Na dimensão cultural, manifesta-se nas narrativas, nos ritos, na arte, na culinária, nas músicas e nas crenças que perpetuam modos de ser e de sentir. Cada gesto e cada palavra carregam a herança de quem veio antes, e é através da cultura que a humanidade transforma lembranças em identidade. As tradições orais, tão presentes nas sociedades indígenas e africanas, exemplificam essa continuidade viva. A ancestralidade é, portanto, também um ato de transmissão: a passagem de saberes, valores e memórias que garantem coesão social e sentido de pertencimento. Perder a ancestralidade cultural é perder o enraizamento que sustenta a consciência coletiva.

A filosofia reconhece na ancestralidade uma questão ontológica: o ser humano só se compreende quando situado na linha do tempo, entre o que o precede e o que o sucederá. Ser é continuar — e continuar é honrar o que veio antes. Essa percepção confere à ancestralidade uma dimensão ética: o respeito às origens é também o respeito à própria existência.

Nas tradições espirituais, a ancestralidade é entendida como presença que transcende o tempo. Os ancestrais não são apenas lembrados; são invocados, celebrados e reconhecidos como parte ativa da vida. Em muitas culturas, acredita-se que eles protegem, inspiram e orientam os vivos. Para os povos indígenas e afrodescendentes no Brasil, está vinculada à importância dos ritos, da oralidade e da preservação de tradições. Já as tradições asiáticas, conectam reverência familiar e festivais de homenagem aos antepassados. E as culturas africanas cultuam os ancestrais como prática espiritual e social.

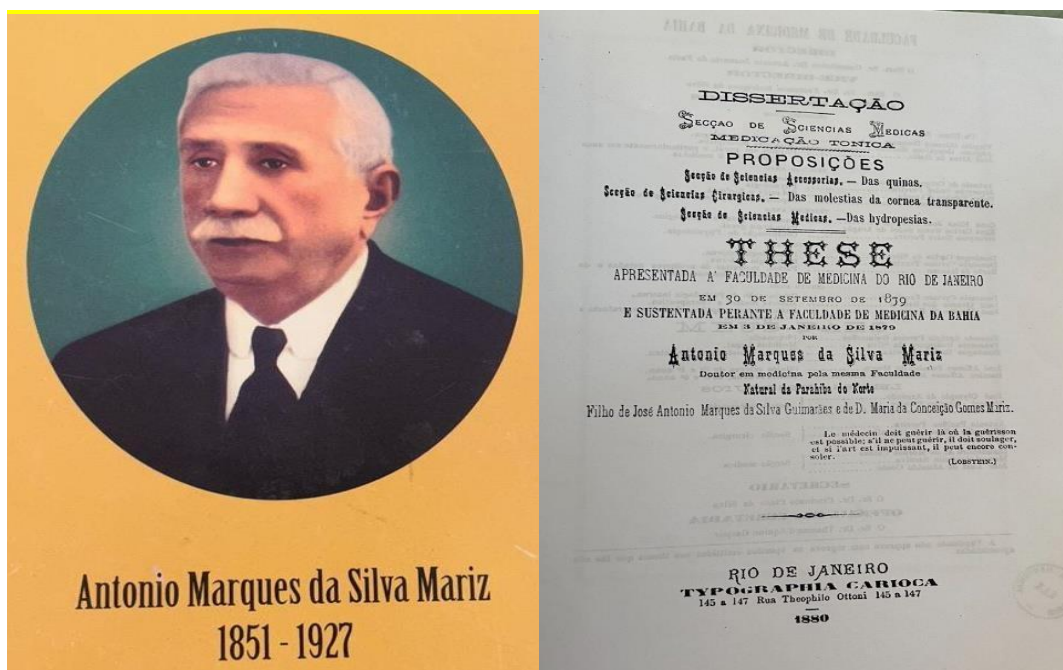
O Brasil é um vasto país continental e ostenta a maior população miscigenada recente do mundo, e com maior diversidade genética. O estudo inédito liderado por pesquisadores da Universidade de São Paulo (USP) analisou o sequenciamento completo e em larga escala do genoma de uma amostra de 2.723 brasileiros de comunidades rurais, urbanas, indígenas e ribeirinhas de todas as cinco regiões geográficas do país. A pesquisa encontrou 8,7 milhões de variações genéticas que jamais haviam sido catalogadas.

A maioria das pessoas desconhece sua ancestralidade. Essa busca, muitas vezes, decorre apenas da curiosidade sobre a genealogia e, em outras vezes, para detectar e entender doenças hereditárias, identificar parentes e até em casos de adoções quando se pretende antever as características genéticas da pessoa.

Cresci ouvindo muitas histórias da minha família, em especial, paterna, através de relatos de familiares, e por se tratar de família tradicional, existem até livros publicados que nos permitem ter uma árvore genealógica bem descrita.

O meu bisavô, Antonio Marques da Silva Mariz, pai da minha avó paterna, Maria de Lourdes Mariz Melo, foi um médico formado pela Faculdade de Medicina da Bahia e na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro em 1880 e defendeu “These” versando sobre “Medicamentos Tônicos” utilizando fitoterápicos, seguindo também com uma carreira política exitosa e duradoura.

Imagem 1: Antonio Marques da Silva Mariz



Fonte: Mariz, A. M. S. These (1880)

Meu avó paterno, Eládio Pedrosa de Melo, político, por três vezes, prefeito da cidade de Sousa PB, onde nasci, era proprietário de farmácia e muitas vezes a ele assisti orientando a utilização de medicamentos às pessoas que, de forma recorrente, o procuravam.

Imagem 2: Eládio Pedrosa Melo



Eládio Pedrosa Melo, político, produtor agrícola, pecuarista, administrador público, músico, intelectual, farmacêutico teórico e prático nas poucas horas vagas. Foi por três vezes Prefeito do município de Sousa (PB) e a cidade o homenageou dando o nome de "Coral Eládio Melo" a seu principal conjunto.

Fonte: Nóbrega, Evandro. Capítulos para uma história da medicina na Paraíba. João Pessoa; Ideia, 2022.

Ao que tudo indica, herdei orientação profissional (Farmacêutica e médica) dos meus antepassados e, certamente, minha filha, Juliete Melo Diniz, que também enveredou pela medicina.

A palavra ancestralidade evoca um chamado silencioso às origens. Em tempos marcados pela velocidade e pelo esquecimento, refletir sobre a ancestralidade torna-se um ato de resistência e de reconexão com o que nos constitui. Somos um conglomerado herdado. O que você sabe sobre sua ancestralidade?

Referências

- Blog meu DNA. <https://blog.meudna.com>. Acesso em 13 set. 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde; UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Brasil tem a maior diversidade genética do mundo, diz estudo. 2025. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/brasil-tem-a-maior-diversidade-gen%C3%A9tica-do-mundo-diz-estudo/a-72561021>. Acesso em: 27 set. 2025.
- Dawkins, R. O gene egoísta. São Paulo: Companhia das Letras, 2006
- Jablonka, E.; Lamb, M. J. Evolution in Four Dimensions: Genetic, Epigenetic, Behavioral, and Symbolic Variation in the History of Life. Cambridge: MIT Press, 2014.
- Mariz, A. M. S. These. Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro; Typografia Carioca. 1880.
- Medeiros Filho, J. G. História da Academia Paraibana de Medicina. João Pessoa: Ideia. 2020 p. 303-307.
- Nóbrega, Evandro. Capítulos para uma história da medicina na Paraíba. João Pessoa; Ideia, 2022 p. 194-200.
- Paula, D. C. e Martiello, R. G. A. Das raízes às folhas: ancestralidade como política de existência. Revista Espaço Acadêmico, 2024. ISSN 1519.6186
- Pinto, Lucíola Marques. A saga da família Mariz. João Pessoa: A União; 2003. 184 p. Rivera, Mateus. Dominando técnicas gratuitas de pesquisa de ancestrais.
- Artigo • Psicol. USP 34 • 2023 • <https://doi.org/10.1590/0103-6564e220066>